

A
RAINHA
DO
NADA
HOLLY BLACK

Tradução

Regiane Winarski

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2020

Para Leigh Bardugo, que nunca me deixa sair impune.

Livro um

*E o Rei Elfo prometeu se casar
Com uma filha da Terra, cuja prole
Cruz e água vão abençoar,
Da maldição das fadas vão se livrar.
E se tal dia maldito existir!
Que não esteja por vir! Que não esteja por vir!*

— Edmund Clarence Stedman,
“Elfin Song”

PRÓLOGO

Baphen, o Astrólogo Real, apertou os olhos para ler o mapa astral e tentou não vacilar quando pareceu certo que o mais jovem príncipe de Elfhame estava prestes a cair de cabeça.

Uma semana depois do nascimento, o príncipe Cardan enfim seria apresentado ao Grande Rei. Os cinco herdeiros anteriores foram vistos imediatamente, ainda chorando e rosados, mas Lady Asha proibiu a visita do Grande Rei até se sentir adequadamente recuperada do parto.

O bebê era magro e enrugado, e encarava Eldred em silêncio, com olhos pretos. Agitava a cauda de chicote com tanta força que o cueiro ameaçava se rasgar. Lady Asha não sabia bem como aninhá-lo. Na verdade, ela o segurava como se tivesse esperanças de que alguém lhe tirasse o fardo em breve.

— Diga-nos seu futuro — pediu o Grande Rei. Havia poucas pessoas para testemunhar a apresentação do novo príncipe: o mortal Val Moren, ao mesmo tempo Poeta da Corte e Senescal, e dois membros do Conselho Vivo, Randalin, Ministro das Chaves, e Baphen. No salão vazio, as palavras do rei ecoaram.

Baphen hesitou, mas não podia fazer nada além de responder. Eldred fora favorecido com cinco filhos antes do príncipe Cardan, uma fecundidade chocante entre os feéricos, com o sangue fino e poucos nascimentos. As estrelas previram as realizações de cada pequeno príncipe e princesa; na poesia e na música, na política, na virtude e até no vício. Mas, daquela vez, o que tinha visto nas estrelas era completamente diferente.

— O príncipe Cardan será seu último filho — disse o Astrólogo Real.
— Ele será a destruição da coroa e a ruína do trono.

Lady Asha inspirou fundo. Pela primeira vez, aconchegou a criança junto ao corpo de forma protetora. O bebê se remexeu em seus braços.

— Imagino quem influenciou sua interpretação dos sinais. Talvez tenha o dedo da princesa Elowyn. Ou do príncipe Dain.

Talvez fosse melhor que ela o deixasse cair, pensou Baphen sem gentileza nenhuma.

O Grande Rei Eldred passou a mão pelo queixo.

— Não tem nada que possa ser feito para impedir?

Era uma bênção ambígua que as estrelas oferecessem a Baphen tantos enigmas e tão poucas respostas. Com frequência, ele desejava ver as coisas com mais clareza, mas não daquela vez. Baixou a cabeça como desculpa para não encontrar o olhar do Grande Rei.

— Somente pelo sangue derramado um grande líder pode ascender, mas não antes do que lhe revelei venha a acontecer.

Eldred se virou para Lady Asha e o filho, o arauto da má sorte. O bebê estava silencioso como uma pedra, sem chorar e sem emitir ruídos, a cauda ainda agitada.

— Leve o garoto — disse o Grande Rei. — Crie-o como achar melhor. Lady Asha nem hesitou.

— Vou criá-lo como sua posição exige. Ele é um príncipe, afinal, e é seu filho.

Havia uma aspereza em seu tom, e Baphen lembrou, apreensivo, que algumas profecias se cumprem pelas ações tomadas para impedi-las.

Por um momento, todos guardaram silêncio. Eldred assentiu para Val Moren, que saiu da plataforma e voltou segurando uma caixa de madeira fina, com um desenho de raízes entrelaçadas na tampa.

— Um presente — disse o Grande Rei —, em reconhecimento a sua contribuição à linhagem Greenbriar.

Val Moren abriu a caixa e encontrou um exótico colar de volumosas esmeraldas. Eldred o pegou e passou pela cabeça de Lady Asha. Ele lhe tocou a bochecha com o dorso da mão.

— Sua generosidade é enorme, meu senhor — agradeceu ela, um tanto apaziguada. O bebê pegou uma pedra com a mãozinha e olhou para o pai com olhos insondáveis.

— Vá descansar agora — sugeriu Eldred, a voz mais suave. Dessa vez, ela cedeu.

Lady Asha partiu com a cabeça erguida, apertando ainda mais a criança. Baphen sentiu um tremor, uma premonição que não tinha nada a ver com as estrelas.

O Grande Rei Eldred não voltou a visitar Lady Asha, nem a chamou para ir até ele. Talvez devesse ter ignorado a insatisfação e dado atenção ao filho. Mas olhar para o príncipe Cardan era como olhar para um futuro incerto, e ele evitava fazer isso.

Lady Asha, como mãe de um príncipe, se viu muito solicitada pela Corte, ainda que não pelo Grande Rei. Dada a caprichos e frivolidades, desejava voltar à vida alegre de cortesã. Como não podia frequentar bailes com um bebê a tiracolo, adotou uma gata com filhotes natimortos e a usou como ama de leite do seu filho.

O arranjo durou até o príncipe Cardan começar a engatinhar e a puxar o rabo do felino. Nesse meio-tempo, a gata ficou prenha de uma nova ninhada e, então, fugiu para o estábulo, também o abandonando.

E foi assim que ele cresceu no palácio, sem ser amado por ninguém e sem ser cuidado por ninguém. Quem ousaria impedir um príncipe de roubar comida das mesas dos nobres e, embaixo delas, devorar o que conseguira com mordidas selvagens? As irmãs e os irmãos apenas riam e brincavam com ele, como fariam com um cachorrinho.

O príncipe raramente usava roupas — preferia as guirlandas de flores, e costumava jogar pedras quando a guarda tentava se aproximar. Ninguém, além da mãe, tinha controle sobre Cardan, e ela quase nunca tentava reprimir seus excessos. Fazia o contrário, na verdade.

— Você é um príncipe — dizia ela, com firmeza, quando ele fugia de um conflito ou desistia de exigir algo. — Tudo é seu. Você só precisa pegar. — E, às vezes: — Quero aquilo. Traga para mim.

Dizem que crianças feéricas não são como crianças mortais. Elas precisam de pouco em termos de amor. Não têm que ser colocadas na cama à noite, mas podem dormir com alegria em um canto frio de um salão de baile, envolvidas em uma toalha de mesa. Não precisam ser alimentadas; ficam felizes lambendo orvalho e pegando pão e creme na cozinha. Não precisam ser consoladas, pois raramente choram.

Mas, ainda que crianças feéricas não precisem de muito amor, príncipes feéricos necessitam de certa instrução.

Por falta de orientação, quando o irmão mais velho de Cardan sugeriu disparar uma noz na cabeça de um mortal, Cardan não teve a sabedoria de protestar. Seus hábitos eram impulsivos; seus modos, autoritários.

— Uma boa mira impressiona muito nosso pai — argumentou o príncipe Dain, com um sorrisinho provocante. — Mas talvez seja difícil demais. Melhor não tentar do que fracassar.

Para Cardan, que não conseguia atrair a atenção do pai, e a queria desesperadamente, a possibilidade pareceu tentadora. Não se perguntou quem era o mortal, nem como fora parar na Corte. Cardan não desconfiava de que o homem era amado por Val Moren e de que o senescal sofreria demais se ele morresse.

E deixaria Dain livre para assumir uma posição mais proeminente como braço direito do Grande Rei.

— Difícil? Melhor não tentar? Essas são palavras de um covarde — disse Cardan, cheio de bravata infantil. Na verdade, o irmão o intimidava, mas aquilo só o deixava mais desdenhoso.

O príncipe Dain sorriu.

— Vamos ao menos trocar flechas. Se você errar, pode dizer que foi *minha* flecha a se desviar.

O príncipe Cardan devia ter desconfiado da gentileza, mas havia recebido pouca orientação para poder diferenciar se era verdadeira ou falsa.

Então prendeu a flecha de Dain e puxou a corda, mirando na noz. Uma sensação ruim o atravessou. Talvez não acertasse o alvo. Podia machucar o homem. Mas, logo em seguida, sentiu um júbilo furioso com a ideia de fazer uma coisa tão horrível que obrigaria o pai a não mais ignorá-lo. Se

não conseguia a atenção do Grande Rei por algo bom, talvez a conseguisse por algo muito, muito ruim.

As mãos de Cardan tremiam.

Os olhos úmidos do mortal o observavam com pânico congelante. Encantado, claro. Ninguém ficaria parado assim por vontade própria. Foi aquilo que o fez decidir.

Cardan forçou uma risada enquanto relaxava a corda e permitia que a flecha mudasse de posição.

— Simplesmente não vou disparar nessas condições — disse ele, se sentindo ridículo por ter recuado. — O vento está soprando do norte e desarrumando meu cabelo. Atrapalhando minha visão.

Mas o príncipe Dain ergueu o arco e soltou a flecha que Cardan trocara com ele. Acertou o mortal na garganta. O homem caiu quase sem som, os olhos ainda abertos, encarando o nada.

Aconteceu tão rápido que Cardan não gritou, não reagiu. Só ficou olhando para o irmão, a compreensão lenta e terrível o atingindo em cheio.

— Ah — suspirou o príncipe Dain, com um sorriso satisfeito. — Uma pena. Parece que foi *sua* flecha a se desviar. Talvez possa reclamar com nosso pai sobre o cabelo nos olhos.

Apesar de seus protestos, ninguém quis ouvir a versão do príncipe Cardan. Dain cuidou disso. Ele contou a história do descuido do príncipe mais jovem, de sua arrogância, da flecha. O Grande Rei nem concedeu uma audiência a Cardan.

Apesar das súplicas de Val Moren por execução, Cardan foi punido pelo assassinato do mortal como os príncipes são punidos. O Grande Rei mandou trancar Lady Asha na Torre do Esquecimento no lugar do filho, e Eldred ficou aliviado de ter motivo para fazer isso — ele a achava cansativa e problemática. O cuidado do príncipe Cardan foi dado a Balekin, o mais velho dos irmãos, o mais cruel e o único disposto a recebê-lo.

E foi assim que a reputação do príncipe Cardan surgiu. Ele nada podia fazer senão engrandecê-la.

CAPÍTULO

1

Eu, Jude Duarte, a Grande Rainha de Elfhame no exílio, passo a maior parte das manhãs cochilando diante da televisão, assistindo a competições de culinária e desenhos animados e reprises de um programa em que as pessoas precisam completar tarefas furando caixas e garrafas e cortando um peixe inteiro. À tarde, se ele me permite, eu treino meu irmão, Oak. À noite, faço pequenos serviços para as fadas locais.

Sou discreta, como deveria ter sido desde o começo. E, se amaldiçoo Cardan, tenho que me amaldiçoar também, por ser a tola que caiu na armadilha que ele montou para mim.

Quando criança, eu imaginava voltar ao mundo mortal. Taryn, Vivi e eu discutíamos como era, relembávamos os cheiros de grama cortada e gasolina, recordávamos como era brincar de pique nos quintais do bairro e nadar, no verão, nas piscinas cheias de cloro. Eu sonhava com chá gelado feito com pó instantâneo e com picolés de suco de laranja. Desejava coisas mundanas: o cheiro de asfalto quente, o balanço dos fios entre os postes, os jingles dos comerciais.

Agora, presa de vez no mundo mortal, sinto saudade do Reino das Fadas, com uma intensidade cruel. É a magia que desejo, é dela que sinto falta. Talvez eu até sinta falta de ter medo. Sinto como se sonhasse meus dias, inquieta, nunca verdadeiramente acordada.

Tamborilo os dedos na madeira pintada de uma mesa de piquenique. Mal entramos no outono e já está esfriando no Maine. O sol do fim de

tarde pontilha a grama do lado de fora do prédio enquanto observo Oak brincar com outras crianças no pequeno bosque que nos separa da rodovia. São crianças do prédio, algumas mais novas que ele e outras com pouco mais de 8 anos, todas trazidas pelo mesmo ônibus escolar amarelo. Brincam de guerra de forma totalmente desorganizada, correndo atrás umas das outras com gravetos. Duelam como crianças fazem, mirando na arma, e não no oponente, gritando de tanto dar risadas quando um graveto quebra. Não consigo deixar de notar que estão aprendendo lições totalmente erradas sobre esgrima.

Mesmo assim, observo. E reparo quando Oak usa glamour.

Ele o faz de modo inconsciente, acho. Está se aproximando sorrateiramente das crianças, mas atravessa uma área sem esconderijo óbvio. Ele continua avançando e, embora esteja visível, ninguém parece reparar.

Está cada vez mais perto, e as crianças ainda não olham em sua direção. Quando ele pula, com o graveto em riste, todas gritam com surpresa absolutamente autêntica.

Ele estava invisível. Estava usando glamour. E eu, por causa do geas para não ser enganada, só reparei quando aconteceu. As outras crianças acham apenas que ele foi inteligente ou que teve sorte. Só eu sei o quanto foi descuidado.

Espero até as crianças voltarem para casa. Elas vão embora, uma a uma, até só restar meu irmão. Não preciso de magia, apesar das folhas no chão, para me aproximar sem ser percebida. Com um movimento rápido, passo o braço no pescoço de Oak e aperto a garganta com força a ponto de lhe dar um bom susto. Ele recua e quase acerta meu queixo com os chifres. Nada mau. Ele tenta se soltar, mas sem vontade. Já percebeu que sou eu, e não o assusto.

Aperto mais. Se eu mantiver a pressão em seu pescoço por tempo bastante, ele vai apagar.

Oak tenta falar, mas parece começar a sentir o efeito da falta de ar. Esquece o treinamento e enlouquece, se debate, arranha meus braços e chuta minhas pernas. E faz eu me sentir péssima. Eu queria assustá-lo um pouco, o suficiente para reagir, não para ficar *apavorado*.

Eu o solto, e ele cambaleia para longe, os olhos úmidos de lágrimas.

— Por que fez isso? — pergunta. E me olha com acusação.

— Para lembrá-lo de que lutar não é um jogo — respondo, sentindo como se falasse com a voz de Madoc, não com a minha. Não quero que Oak cresça como eu, com raiva e medo. Mas, sim, que ele *sobreviva*, e Madoc me ensinou a fazer isso.

Como vou saber dar a ele as coisas certas quando só conheço minha infância horrível? Talvez as partes que valorizo sejam as erradas.

— O que vai fazer contra um oponente que queira machucar você de verdade?

— Não ligo — diz Oak. — Não ligo para essas coisas. Não quero ser rei. Não quero ser rei *nunca*.

Por um momento, fico apenas olhando para ele. Quero acreditar que está mentindo, mas, claro, ele não é capaz de mentir.

— Nem sempre podemos escolher nosso destino — argumento.

— Pode governar *você* se se importa tanto assim! — dispara ele. — Não quero. Nunca.

Trinco os dentes para não gritar.

— Não posso, como bem sabe, porque estou exilada — lembro a ele. Ele bate um dos cascos.

— Eu também! E o único motivo para eu estar no mundo humano é porque meu pai quer a maldita coroa, e você a deseja, e todo mundo a cobiça. Bom, eu não. É amaldiçoada.

— Todo poder é amaldiçoado — digo. — Os piores entre nós farão qualquer coisa para obtê-lo, e os que melhor usariam o poder não querem o peso em suas costas. Mas isso não quer dizer que podem fugir da responsabilidade para sempre.

— Você não pode me obrigar a ser Grande Rei — rebate ele, então me dá as costas e sai correndo na direção do prédio.

Eu me sento no chão frio, sabendo que estraguei completamente a conversa. Ciente de que Madoc treinou a mim e a Taryn melhor do que estou preparando Oak. Sabendo que fui arrogante e tola em achar que eu podia controlar Cardan.

Sabendo que, no grande jogo de príncipes e rainhas, eu fui varrida do tabuleiro.



Dentro do apartamento, a porta do quarto de Oak está trancada para mim. Vivienne, minha irmã fada, está parada na frente da bancada da cozinha, sorrindo para o celular.

Quando repara em mim, segura minhas mãos e me rodopia até eu ficar tonta.

— Heather me ama de novo — declara ela, com uma risada louca na voz.

Heather era a namorada humana de Vivi. Ela tolerava as evasivas de minha irmã sobre o passado. Até aguentou quando Oak foi morar com elas no apartamento. Mas, quando descobriu que Vivi não era humana e que a enfeitiçara, ela a largou e saiu de casa. Odeio ter que dizer, porque quero que minha irmã seja feliz (e Heather a fazia feliz), mas foi um fora muito merecido.

Eu me afasto e a encaro, confusa.

— O quê?

Vivi mostra o celular para mim.

— Ela mandou uma mensagem de texto. Quer voltar. Tudo será como antes.

Folhas caídas não voltam aos galhos, nozes não retornam às cascas e namoradas encantadas não acordam de repente e decidem deixar as coisas fluírem com sua apavorante ex.

— Me deixa ver isso — peço, alcançando o celular de Vivi. Ela me permite pegá-lo.

Leio as mensagens, a maioria de Vivi, cheias de pedidos de desculpas, promessas precipitadas e súplicas cada vez mais desesperadas. Do lado de Heather, muito silêncio e algumas mensagens do tipo “Preciso de mais tempo para pensar”.

E então, isto:

Preciso esquecer o Reino das Fadas. Tenho que esquecer que você e Oak não são humanos. Não quero mais me sentir assim. Se eu te pedisse para me fazer esquecer, faria isso?

Olho para as palavras por um momento, tomando fôlego.

Entendo por que Vivi interpretou a mensagem como fez, mas acho que ela leu errado. Se eu tivesse escrito aquilo, a última coisa que ia querer era que Vivi concordasse. Eu ia desejar que ela me ajudasse a ver que, mesmo não sendo humanos, Vivi e Oak me amavam. Eu ia querer que Vivi insistisse que negar a existência do Reino das Fadas não ajudaria. E ia desejar que Vivi me dissesse que tinha cometido um erro e que jamais voltaria a cometer o mesmo erro, não importa o que aconteça.

Se eu tivesse enviado aquela mensagem, seria um teste.

Devolvo o celular para Vivi.

— O que você vai responder?

— Que farei o que ela quiser — diz minha irmã, uma promessa extravagante para um mortal e apavorante para alguém que ficaria preso a esse juramento.

— Talvez ela não saiba o que quer — argumento, desleal, independentemente do que faça. Vivi é minha irmã, mas Heather é humana. Tenho compromisso com as duas.

E, no momento, Vivi não está interessada em pensar em nada além de que tudo vai ficar bem. Ela abre um sorriso largo e displicente, pega uma maçã na tigela de frutas e a joga no ar.

— Qual é o problema com Oak? Ele entrou marchando e bateu a porta do quarto. Vai ser dramático assim quando for adolescente?

— Ele não quer ser Grande Rei — respondo.

— Ah. Isso. — Vivi olha na direção do quarto. — Achei que era uma coisa importante.

CAPÍTULO

2

É um alívio ir trabalhar esta noite. Fadas no mundo mortal têm necessidades diferentes das de Elfhame. O feérico solitário que sobrevive fora do Reino das Fadas não precisa se preocupar com festejos e maquinações da Corte.

E acontece que existem muitos serviços estranhos para alguém como eu, uma mortal que conhece seus costumes e não tem medo de entrar em uma briga ocasional. Conheci Bryern uma semana depois que saí de Elfhame. Apareceu em frente ao prédio, uma fada de pelo preto, cabeça e cascos de bode, com chapéu-coco na mão, alegando ser um velho amigo do Barata.

— Soube da sua situação peculiar — disse ele, me encarando com os estranhos olhos dourados de bode, as pupilas pretas em um retângulo horizontal. — Considerada morta, não é isso? Sem número de Previdência Social. Sem escola mortal.

— E procurando trabalho — falei, imaginando aonde aquilo ia dar. — Por baixo dos panos.

— Não dá para ser mais debaixo dos panos do que comigo — garantiu ele, colocando a mão de garras sobre o coração. — Permita-me me apresentar. Bryern. Sou um púca, caso não tenha percebido.

Ele não exigiu juramentos de lealdade e nenhum tipo de promessa. Eu podia trabalhar o quanto quisesse, e o pagamento dependia de minha ousadia.

Esta noite, eu o encontro perto da água. Pedalo a bicicleta usada que comprei. O pneu traseiro murcha rápido, mas paguei barato. Funciona bem como meio de transporte. Bryern está vestido com exagero típico: o chapéu tem uma faixa decorada com algumas penas coloridas de pato e ele o combinou com um paletó de tweed. Quando chego mais perto, tira um relógio do bolso e o observa com o cenho exageradamente franzido.

— Ah, me atrasei? — pergunto. — Desculpe. Estou acostumada a ver a hora pelo ângulo da lua.

Ele me olha com irritação.

— Não precisa botar banca só porque viveu na Grande Corte. Você não é especial agora.

Sou a Grande Rainha de Elfhame. O pensamento vem espontaneamente, e mordo a bochecha para não proferir aquelas palavras ridículas. Ele está certo: não sou especial agora.

— Qual é o trabalho? — pergunto da forma mais branda que consigo.

— Uma das fadas em Old Port está comendo gente da região. Tenho uma proposta para alguém disposto a arrancar a promessa de que ela vai parar.

Tenho dificuldade em acreditar que ele se importe com o que acontece com humanos... e que se importe a ponto de me pagar para fazer alguma coisa em relação ao assunto.

— Gente *mortal*?

Ele balança a cabeça.

— Não. Não. Fadas como nós. — Ele parece lembrar com quem está falando e fica meio constrangido. Tento não interpretar o ato falho como elogio.

Matando e comendo feéricos? Nada indica que seja um trabalho fácil.

— Quem é o mandante?

Ele dá uma gargalhada nervosa.

— Ninguém que queira o nome associado à tarefa. Mas está disposto a remunerá-la para que faça acontecer.

Um dos motivos para Bryern gostar de me contratar é que consigo me aproximar dos feéricos. Não esperam que seja uma mortal a lhes roubar

ou lhes enfiar uma faca na lateral do corpo. Não esperam que uma mortal não seja afetada por glamour nem que conheça seus costumes ou que enxergue através das barganhas horríveis que oferecem.

Outro motivo é que preciso tanto do dinheiro que me disponho a aceitar trabalhos como esse, que sei, desde o início, que vão ser uma droga.

— Endereço? — pergunto, e ele me entrega um pedaço de papel dobrado.

Eu o abro e baixo o olhar.

— Espero que pague bem.

— Quinhentos dólares americanos — diz ele, como se fosse uma soma exorbitante.

Nosso aluguel custa 1.200 por mês, sem contar alimentação e outras necessidades. Na ausência de Heather, minha parte fica em uns 800 dólares. E eu gostaria de comprar um pneu novo para minha bicicleta. Quinhentos não são nem de longe o suficiente, não por uma coisa assim.

— Mil e quinhentos — barganho, erguendo as sobrancelhas. — Em dinheiro, verificável com ferro. Metade antecipado e, se eu não voltar, você paga a outra metade a Vivienne, como presente para minha família enlutada.

Bryern aperta os lábios, mas sei que tem o dinheiro. Só não quer me pagar tanto a ponto de eu me tornar exigente.

— Mil — oferece ele, enfiando a mão no bolso interno do paletó e tirando uma pilha de notas presa por um clipe prateado. — Tenho metade comigo. Pode levar.

— Tudo bem — concordo. É um pagamento decente para o que pode ser trabalho de apenas uma noite se eu tiver sorte.

Ele entrega o dinheiro com uma fungada.

— Me avise quando tiver executado o serviço.

Tenho uma placa de ferro no chaveiro. Passo-a com ostentação na extremidade do dinheiro para verificar se é real. Não faz mal lembrar a Bryern que sou cuidadosa.

— E cinquenta dólares para despesas — digo em um impulso.

Ele franze a testa. Depois de um momento, enfia a mão em uma parte diferente do paletó e me entrega o dinheiro.

— Só resolva isso — diz ele.

O não uso de subterfúgios é um mau sinal. Eu deveria ter feito outras perguntas antes de aceitar o trabalho. Devia ter continuado a negociação.

Tarde demais agora.

Subo na bicicleta e, com um aceno de despedida para Bryern, disparo para o centro. Era uma vez, uma menina que se imaginava uma cavaleira montada em um corcel, coberta de glória em competições de habilidade e honra. Pena que meus talentos seguiram uma direção completamente diferente.

Acho que sou uma assassina de fadas bem capacitada, mas me destaco mesmo em irritá-las. Com sorte, esse dom vai ser útil para eu persuadir uma feérica canibal a fazer o que quero.

Antes de confrontá-la, decido fazer algumas perguntas.

Primeiro, visito um duende chamado Magpie, que mora em uma árvore no parque Deering Oaks. Ele diz que ouviu falar que ela pertence aos barretes vermelhos, uma notícia não muito boa, mas, como cresci ao lado de um, pelo menos conheço bem sua natureza. Os barretes vermelhos gostam de violência, sangue e assassinato; na verdade, ficam meio agitados quando privados de carnificina por longos períodos. E, quando são tradicionais, mergulham um barrete no sangue dos inimigos vencidos, supostamente para obter parte da vitalidade roubada do morto.

Pergunto o nome, mas Magpie não sabe. Ele me manda até Ladhar, um cluricaun que fica se esgueirando pelos fundos dos bares, sugando espuma de copos de cerveja quando ninguém está olhando e enganando mortais em jogos de azar.

— Não sabia? — pergunta Ladhar, baixando a voz. — *Grima Mog*.

Quase o acuso de mentir, mesmo sabendo ser impossível. E fantasio, breve e intensamente, procurar Bryern, fazê-lo engolir cada dólar que me deu.

— O que *ela* está fazendo *aqui*?

Grima Mog é a temível general da Corte dos Dentes, no norte. A mesma Corte de onde Barata e Bomba fugiram. Quando eu era pequena, na hora de dormir, Madoc lia para mim trechos das memórias de suas estratégias de batalha. Só de pensar em encará-la, um suor gelado me cobre.

Não posso lutar com ela. E tampouco acho que tenho uma boa chance de enganá-la.

— Foi expulsa, pelo que ouvi — responde Ladharr. — Talvez tenha comido alguém de quem Lady Nore gostasse.

Não tenho que fazer esse serviço, lembro a mim mesma. Não faço mais parte da Corte das Sombras de Dain. Não estou mais tentando governar por trás do trono do Grande Rei Cardan. Não preciso correr grandes riscos.

Mas estou curiosa.

Junte a isso uma abundância de orgulho ferido e você se vê nos degraus de entrada do armazém de Grima Mog, por volta do amanhecer. Sei que não devo chegar de mãos vazias. Trouxe carne crua de um açougue dentro de um isopor, alguns sanduíches de mel malfeitos embrulhados em papel-alumínio e uma garrafa de cerveja amarga decente.

Dentro, sigo por um corredor até chegar à porta do que parece ser um apartamento. Bato três vezes e espero que, no mínimo, o cheiro de comida disfarce o odor de meu medo.

A porta se abre, e uma mulher de roupão me olha. Ela está curvada, apoiada em uma bengala de madeira preta polida.

— O que você quer, querida?

Como vejo através do glamour, reparo no tom verde da pele e nos dentes enormes. Como meu pai adotivo: Madoc. O cara que matou meus pais. O cara que lia suas estratégias de batalha para mim. Madoc, outrora Grande General da Grande Corte. Agora inimigo do trono e também não muito feliz comigo.

Com sorte, ele e o Grande Rei Cardan vão arruinar a vida um do outro.

— Eu trouxe presentes — digo, mostrando o isopor. — Posso entrar? Quero fazer uma barganha.

Ela franze um pouco o cenho.

— Não pode continuar comendo fadas aleatórias sem que alguém seja enviado para tentar convencê-la a parar — explico.

— Talvez eu coma *você*, criança bonita — argumenta, animada. Mas recua para me deixar entrar em seu covil. Acho que ela não pode me transformar em refeição no corredor.

O apartamento é um loft, com pé-direito alto e paredes de tijolo. Bonito. Piso polido e brilhoso. Janelas grandes filtram a luz, uma boa vista da cidade. A mobília é velha. Os enfeites de algumas peças foram arrancados, e há marcas que poderiam ter vindo de um corte de faca.

O lugar tem cheiro de sangue. Um odor acobreado e metálico, misturado a uma doçura meio sufocante. Coloco os presentes em uma mesa pesada de madeira.

— Para você — digo. — Na esperança de que ignore minha grosseria de visitar sem convite.

Ela cheira a carne, examina um sanduíche de mel na mão e abre a tampa da cerveja com o punho. Toma um longo gole e olha para mim.

— Alguém a instruiu sobre as gentilezas. Eu me pergunto por que tanto trabalho, cabrita? Obviamente, você é o sacrifício enviado na esperança de saciar meu apetite com carne humana. — Ela sorri e mostra os dentes. É possível que tenha despido o glamour naquele momento, se bem que, como eu já tinha visto através do feitiço, não tenha certeza.

Eu pisco para ela. Ela pisca para mim, esperando uma reação.

Ao não gritar e correr para a porta, eu a irritei. Dá para perceber. Acho que estava ansiosa para me perseguir quando eu fugisse.

— Você é Grima Mog — digo. — Líder de exércitos. Destruidora de seus inimigos. É assim que quer passar sua aposentadoria?

— *Aposentadoria?* — Ela repete a palavra como se eu tivesse feito um insulto mortal. — Embora eu tenha sido dispensada, vou encontrar outro exército para liderar. Um maior que o primeiro.

Às vezes digo algo bem parecido para mim também. Ouvir em voz alta, da boca de outra pessoa, é perturbador. Mas me dá uma ideia.

— Bom, os feéricos da região preferem não serem comidos enquanto você planeja sua próxima estratégia. Obviamente, como sou humana, prefiro que você não coma mortais. Duvido que lhe dessem o que procura, de qualquer jeito.

Ela espera que eu continue.

— Um desafio — digo, pensando em tudo que sei sobre barretes vermelhos. — É isso que deseja, não é? Uma boa luta. Aposto que os feéricos que matou não eram tão especiais. Um desperdício de seus talentos.

— Quem a mandou? — pergunta ela. Reavaliando. Tentando entender minha abordagem.

— O que você fez para irritá-la? — pergunto. — Sua rainha? Deve ter sido algo grande para ser expulsa da Corte dos Dentes.

— *Quem a mandou?* — ruge ela. Acho que a irritei. Meu maior talento.

Tento não sorrir, mas senti tanta falta da onda de poder que acompanha aquele tipo de joguinho, de estratégia e malícia. Odeio admitir, mas senti falta de arriscar o pescoço. Não há espaço para arrependimentos quando se está ocupada tentando vencer. Ou, pelo menos, não morrer.

— Já falei. Os feéricos locais que não querem ser comidos.

— Por que *você?* — pergunta ela. — Por que enviariam um fiapo de garota para tentar me convencer de alguma coisa?

Observo a sala e reparo em uma caixa redonda em cima da geladeira. Uma caixa de chapéu antiquada. Meu olhar se prende naquilo.

— Provavelmente porque não seria perda alguma para eles se eu fracassasse.

Ao ouvir a afirmação, Grima Mog ri e toma outro gole da cerveja amarga.

— Uma fatalista. E como vai me persuadir?

Caminho até a mesa e pego a comida, procurando uma desculpa para chegar mais perto da caixa de chapéu.

— Primeiro, guardando a comida.

Grima Mog parece achar graça.

— Uma velha como eu pode muito bem aproveitar a ajuda de uma coisinha jovem aqui na casa. Mas tome cuidado. Você pode acabar descobrindo mais do que imagina dentro da minha geladeira, cabrita.

Abro a porta da geladeira. Sou recebida pelos restos dos feéricos que ela matou. Ela recolheu braços e cabeças, preservados de alguma forma, assados e cozidos e guardados como sobras depois de um grande banquete. Meu estômago fica embrulhado.

Um sorriso cruel surge no rosto da feérica.

— Você queria me desafiar para um duelo? Pretendia se gabar de ter lutado bem? Agora vê o que significa perder para Grima Mog.

Respiro fundo. Com um pulo, derrubo a caixa de chapéu de cima da geladeira na direção dos meus braços.

— Não toque nisso! — grita ela, na hora que tiro a tampa.

E lá está: o capuz. Coberto de sangue, várias camadas de sangue.

Ela está na metade da sala, dentes expostos. Pego um isqueiro no bolso e acendo a chama com um movimento do polegar. Ela para de súbito quando vê o fogo.

— Sei que passou muitos, muitos anos construindo a pátina que cobre esse capuz — digo, torcendo para que minhas mãos não tremam, para que a chama não se apague. — Com certeza, guarda o sangue do primeiro ser que você matou, e também do último. Sem isso, não vai existir lembrete de suas conquistas passadas, nem troféus, nem nada. Agora, preciso que faça um acordo comigo. Prometa que não vai haver mais assassinatos. Nem de fadas, nem de humanos, enquanto residir no mundo mortal.

— E se eu não prometer, você vai queimar meu tesouro? — conclui Grima Mog por mim. — Não há honra nisso.

— Acho que eu *poderia* optar pelo confronto — argumento. — Mas provavelmente perderia. Assim, eu ganho.

Grima Mog aponta a bengala preta na minha direção.

— Você é a filha humana de Madoc, não é? E a senescal exilada de nosso novo Grande Rei. Expulsa, como eu.

Assinto, frustrada de ter sido reconhecida.

— O que *você fez?* — pergunta ela, um sorrisinho satisfeito no rosto. — Deve ter sido algo grande.

— Fui idiota — respondo, porque é melhor admitir de uma vez. — Abri mão do pássaro na mão pelos dois voando.

Ela solta uma gargalhada alta e retumbante.

— Ora, que dupla nós somos, hein, filha do barrete vermelho? Mas assassinato está em meus ossos e sangue. Não planejo abrir mão de matar. Se preciso ficar presa no mundo mortal, pretendo me divertir um pouco.

Levo a chama para mais perto do capuz. A ponta começa a escurecer, e um fedor horrível se espalha pelo ar.

— Para! — grita ela, me olhando com puro ódio. — Chega. Quero fazer uma proposta a *você*, cabrita. Vamos lutar. Se você perder, meu

capuz é devolvido sem ser queimado. Continuo a caçar, como sempre cacei. E você me dá o dedo mindinho.

— Para comer? — pergunto, afastando a chama do capuz.

— Se eu quiser — responde ela. — Ou para usar como broche. Que diferença faz para você? A questão é que será meu.

— E por que eu concordaria com isso?

— Porque, se você vencer, vai ter minha promessa. E vou contar uma coisa importante sobre seu Grande Rei.

— Não quero saber nada sobre ele — respondo, rápido demais e com raiva demais. Não esperava que ela mencionasse Cardan.

A risada dessa vez soa baixa e rouca.

— Mentirosa.

Nós nos encaramos por um longo momento. O olhar de Grima Mog é complacente. Ela sabe que me pegou. Vou concordar com seus termos. Também sei, apesar de ser ridículo. Ela é uma lenda. Não vejo como eu poderia vencer.

Mas o nome de Cardan ecoa em meus ouvidos.

Ele tem um novo senescal? Uma nova amante? Vai às reuniões do conselho em pessoa? Fala sobre mim? Ele e Locke deboçam de mim juntos? Taryn ri?

— Lutamos até a primeira gota de sangue ser derramada — digo, tirando tudo da cabeça. É um prazer ter alguém em quem concentrar minha raiva. — Não vou dar meu dedo. Se você vencer, recebe seu capuz de volta. Ponto. E vou embora. A concessão que faço é lutar com você.

— Até a primeira gota de sangue é chato. — Grima Mog se inclina para a frente, o corpo alerta. — Vamos combinar de lutar até uma de nós pedir trégua. Que acabe em algum ponto entre o derramamento de sangue e seu rastejar para morrer no caminho de casa. — Ela suspira, como se tivesse tido um pensamento feliz. — Me dê uma chance de quebrar cada osso nesse seu corpo magrelo.

— Você está apostando em meu orgulho. — Enfio o capuz em um bolso e o isqueiro no outro.

Ela não nega.

— Apostei certo?

Até a primeira gota de sangue é *mesmo* chato. É só uma ficar dançando em volta da outra, procurando uma abertura. Não é luta de verdade. Quando respondo, a palavra sai rapidamente.

— Sim.

— Ótimo. — Ela aponta a bengala para o teto. — Vamos para o terraço.

— Nossa, que civilizado — digo.

— Espero que você tenha trazido uma arma, porque não vou te emprestar nada. — Ela segue na direção da porta com um suspiro pesado, como se realmente fosse a velha que aparenta quando usa o glamour.

Eu a sigo para fora do apartamento, pelo corredor mal iluminado, até a escada ainda mais escura, os nervos a mil. Espero saber o que estou fazendo. Ela sobe dois degraus de cada vez, ansiosa agora, e abre uma porta de metal no alto. Ouço o barulho de aço quando ela desembainha uma espada fina da bengala. Um sorriso ávido repuxa seus lábios de maneira exagerada e deixa os dentes afiados à mostra.

Puxo a faca longa que escondi na bota. Não tem grande alcance, mas não sou capaz de usar glamour em objetos; não posso andar de bicicleta com Cair da Noite nas costas.

Contudo, no momento, queria muito ter pensado em um jeito de fazer exatamente aquilo.

Chegamos na cobertura do prédio. O sol está começando a subir, tingindo o céu de cor-de-rosa e dourado. Uma brisa fria sopra no ar, trazendo os odores de concreto e lixo, assim como o aroma de arnica do parque próximo.

Meu coração acelera com uma mistura de pavor e ansiedade. Quando Grima Mog investe contra mim, estou pronta. Eu me defendo e saio do caminho. Faço isso repetidas vezes, o que a irrita.

— Você me prometeu uma ameaça — rosna ela, mas, pelo menos, tenho uma noção de como ela se desloca. Sei que está faminta por sangue, sedenta por violência. Sei que está acostumada a caçar. Só espero que esteja confiante ao extremo. É possível que ela cometa erros ao enfrentar alguém capaz de reagir.

Improvável, mas possível.

Quando me ataca de novo, eu me viro e chuto a parte de trás de seu joelho com força suficiente para derrubá-la no chão. Ela ruge, se levanta e vem para cima de mim a toda velocidade. Por um momento, a fúria naquele rosto e os dentes apavorantes me atravessam como uma onda horrível e paralisante.

Monstro!, grita minha mente.

Contraio o maxilar para controlar a ânsia de continuar me desviando. Nossas lâminas brilham como escamas de peixe na intensidade do alvorecer. O metal se choca, tilintando como um sino. Lutamos no telhado, meus pés ágeis conforme nos deslocamos. O suor molha minhas axilas e testa. Minha respiração sai quente e se condensa no ar frio.

É bom lutar com outra pessoa que não eu mesma.

Grima Mog estreita os olhos e me observa, procurando fraquezas. Estou ciente de cada erro corrigido por Madoc, de cada mau hábito que Fantasma tentou recondicionar. Ela dispara uma série de golpes brutais, tentando me levar até a beirada do prédio. Cedo terreno na tentativa de me defender dos ataques, do alcance mais longo de sua espada. Ela estava se contendo antes, mas não está se contendo agora.

Sem descanso, ela me força na direção de uma queda livre. Luto com determinação sombria. Minha pele está escorregadia de suor, com gotas entre as omoplatas.

Meu pé bate em um pedaço de cano de metal no concreto. Tropeço, e ela ataca. Faço o que posso para não ser perfurada, mas o bloqueio custa minha faca, que cai do telhado. Ouço-a atingir a rua abaixo com um ruído seco.

Eu não devia ter acatado a missão. Não devia ter concordado com a luta. Não devia ter aceitado a proposta de casamento de Cardan, nem ter sido exilada no mundo mortal.

A raiva me dá uma explosão de energia, e a uso para me desviar de Grima Mog, permitindo que o impulso do golpe leve a lâmina para longe de mim. Dou uma cotovelada forte em seu braço e agarro o cabo da espada.

Não é um gesto muito honrado, mas não tenho sido honrada há muito tempo. Grima Mog é muito forte, mas também está surpresa. Por um

momento, hesita, mas bate com a testa na minha. Cambaleio para trás, mas quase consegui pegar sua arma.

Quase consegui.

Minha cabeça está latejando, e me sinto meio tonta.

— Isso é trapaça, garota — diz ela. Nós duas estamos respirando com esforço. Parece que meus pulmões são feitos de chumbo.

— Não sou nobre. — Como se para enfatizar minha afirmação, pego a única arma que vejo: uma barra de metal. É pesada e sem fio, mas é o que há. Pelo menos, é mais comprida que a faca.

Ela ri.

— Você devia ceder, mas estou feliz que não o fez.

— Sou otimista — digo. Agora, quando vem para cima de mim, ela tem a velocidade, mas tenho mais alcance. Giramos em volta uma da outra, ela atacando, e eu me defendendo com algo que se desloca como um bastão de beisebol. Desejo muitas coisas, mas a principal é sair viva do telhado.

Minha energia está acabando. Não estou acostumada ao peso do cano e é difícil manuseá-lo.

Desista, diz meu cérebro atordoado. Declare que aceita a derrota enquanto ainda está de pé. Dê o capuz a ela, esqueça o dinheiro e volte para casa. Vivi pode transformar folhas em cédulas. Só dessa vez, não seria uma coisa ruim. Você não está lutando por um reino. Isso você já perdeu.

Grima Mog avança em minha direção como se sentisse o cheiro do meu desespero. Ela me obriga a reagir com alguns golpes rápidos e agressivos, na esperança de me surpreender.

O suor escorre pela testa e faz com que meus olhos ardam.

Madoc descreve uma luta como muitas coisas; um jogo de estratégia jogado com velocidade, uma dança, mas agora me parece uma discussão. Uma discussão em que ela me mantém ocupada demais na defesa para marcar pontos.

Apesar do esforço dos músculos, passo o cano para a outra mão e tiro o capuz do bolso.

— O que você está fazendo? Você prometeu... — começa ela.

Jogo o capuz em seu rosto. Ela o pega e se distrai. Neste momento, bato com o cano na lateral de seu corpo, usando toda a força que tenho em mim.

Eu a acerto no ombro, e ela cai com um uivo de dor. Bato de novo, movendo a barra de metal em um arco e acerto seu braço esticado, o que joga a espada do outro lado do telhado.

Levanto o cano para golpear de novo.

— Chega. — Grima Mog olha para mim do concreto, sangue nos dentes pontudos e perplexidade no rosto. — Eu desisto.

— Desiste? — O cano balança em minha mão.

— Sim, trapaceira — diz ela, se sentando. — Você me superou. Agora, me ajude a me levantar.

Largo o cano e chego mais perto, meio esperando que ela puxe uma faca e enfie em meu flanco. Mas ela só levanta a mão e permite que eu a puxe para ficar de pé. Então coloca o capuz e aninha o braço que golpееi no outro.

— A Corte dos Dentes se meteu com o velho Grande General, seu pai, e com outro grupo de traidores. Sei de fonte confiável que seu Grande Rei será destronado antes da próxima lua cheia. Que tal isso?

— Foi por isso que partiu? — pergunto. — Porque não é traidora?

— Fui embora por causa de outra cabritinha. Agora, suma daqui. Isso foi mais divertido do que eu esperava, mas acho que nosso joguinho está no fim.

Suas palavras ecoam em meus ouvidos. *Seu Grande Rei. Destronado.*

— Você ainda me deve uma promessa — digo, minha voz parece um grunhido.

Para minha surpresa, Grima Mog faz uma. Promete não caçar mais nas terras mortais.

— Venha lutar comigo de novo — dispara ela quando me encaminho para a escada. — Tenho muitos segredos. Há tantas coisas que você não sabe, filha de Madoc. E acho que também anseia por um pouco de violência.